



BANANICULTURA

na Comunidade de Faraó

Atualidades e perspectivas



BANANICULTURA

na Comunidade de Faraó

Atualidades e perspectivas

**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Solos
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**

BANANICULTURA **na Comunidade de Faraó**

Atualidades e perspectivas

*Alba Leonor da Silva Martins
Ana Lúcia Borges
Azeneth Eufrausino Schuler
Elaine Cristina Cardoso Fidalgo
Eliane de Paula Clemente
Joyce Maria Guimarães Monteiro
Aline Pacobahyba de Oliveira
Ademir Fontana*

Embrapa
Brasília, DF
2016

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Solos

Rua Jardim Botânico, nº 1.024
Bairro Jardim Botânico
22460-000 Rio de Janeiro, RJ
Fone: (21) 2179-4500
Fax: (21) 2179-5291
www.embrapa.br
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Unidade responsável pelo conteúdo

Embrapa Solos

Comitê Local de Publicações

Presidente

José Carlos Polidoro

Secretário-Executivo

Jacqueline Silva Rezende Mattos

Membros

Ademar Barros da Silva

Adriana Vieira de C. de Moraes

Alba Leonor da Silva Martins

Enyomara

Lourenço Silva

Evaldo de Paiva Lima

Joyce Maria Guimarães Monteiro

Luciana Sampaio de Araujo

Maria Regina Laforet

Maurício Rizzato Coelho

Moema de Almeida Batista

Unidade responsável pela edição

Embrapa Informação
Tecnológica

Coordenação editorial

Selma Lúcia Lira Beltrão

Lucilene Maria de Andrade

Nilda Maria da Cunha Sette

Supervisão editorial

Wyviane Carlos Lima Vidal

Revisão de texto

Francisco C. Martins

Normalização bibliográfica

Rejane Maria de Oliveira

Projeto gráfico e editoração
eletrônica

Júlio César da Silva Delfino

Capa

Júlio César da Silva Delfino

Foto de capa

Elaine C. Cardoso Fidalgo

1ª edição

1ª impressão (2016):

300 exemplares

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Informação Tecnológica

Banicultura na comunidade de Faraó : atualidades e perspectivas
/ Alba Leonor da Silva Martins... [et al.]. – Brasília, DF : Embrapa,
2016.

38 p. ; il. color; 9,5 cm x 18 cm.

ISBN 978-85-7035-585-0

1. Banana. 2. Produção agrícola. 3. Produção vegetal.
4. Variedade. I. Martins, Alba Leonor da Silva. II. Borges, Ana
Lúcia. III. Schuler, Azeneth Eufrausino. IV. Fidalgo, Elaine Cristina
Cardoso. V. Clemente, Eliane de Paula. VI. Monteiro, Joyce Maria
Guimarães. VII. Oliveira, Aline Pacobahyba de. VIII. Fontana,
Ademir. IX. Embrapa Solos.

CDD 634.772

© Embrapa 2016

Autores

Alba Leonor da Silva Martins

Engenheira-agrônoma, doutora em Agronomia-Ciência do Solo, pesquisadora da Embrapa Solos, Rio de Janeiro, RJ.

Ana Lúcia Borges

Engenheira-agrônoma, doutora em Solos e Nutrição de Plantas, pesquisadora da Embrapa Mandioca e Fruticultura, Cruz das Almas, BA.

Azeneth Eufrausino Schuler

Engenheira florestal, doutora em Ciências-Energia Nuclear na Agricultura, pesquisadora da Embrapa Solos, Rio de Janeiro, RJ.

Elaine Cristina Cardoso Fidalgo

Engenheira-agrônoma, doutora em Engenharia Agrícola – Desenvolvimento Rural, pesquisadora da Embrapa Solos, Rio de Janeiro, RJ.

Eliane de Paula Clemente

Engenheira florestal, doutora em Agronomia, pesquisadora da Embrapa Solos, Rio de Janeiro, RJ.

Joyce Maria Guimarães Monteiro

Engenheira-agrônoma, doutora em Planejamento Ambiental, pesquisadora da Embrapa Solos, Rio de Janeiro, RJ.

Aline Pacobahyba de Oliveira

Engenheira-agrônoma, doutora em Solos e Nutrição de Plantas, pesquisadora da Embrapa Solos, Rio de Janeiro, RJ.

Ademir Fontana

Engenheiro-agrônomo, doutor em Agronomia-Ciência do Solo, pesquisador da Embrapa Solos, Rio de Janeiro, RJ.

Agradecemos à Associação dos Produtores, Lavradores e Amigos de Faraó (Alaf) na pessoa do seu presidente, o agricultor rural Demerval Pereira de Souza (Walzinho). À Emater/RJ e à Secretaria de Agricultura Pesca, Abastecimento e Desenvolvimento Regional do município de Cachoeiras de Macacu, RJ, na pessoa do seu secretário Rodrigo Oliveira Aguiar.

Apresentação

A bananicultura em Faraó tem sido uma importante atividade econômica com perspectivas de ampliação. A discussão conjunta entre os agricultores dessa comunidade e pesquisadores da Embrapa Solos e da Embrapa Mandioca e Fruticultura fundamentou este documento para que os produtores de banana aprimorem as práticas de manejo e conheçam as variedades de bananeira cultivadas e opções de variedades apropriadas ao seu local.

Esta publicação é resultado do projeto de pesquisa da Embrapa Solos Macroprograma 6 Construção do Conhecimento para o Desenvolvimento Rural Sustentável: Estudo dos Sistemas de Produção da Comunidade de Faraó, Município de Cachoeiras de Macacu no Estado do Rio de Janeiro, Visando à Conservação do Solo e da Água.

Espera-se que essas informações sejam compartilhadas no município para valorização e reconhecimento do saber local, e sirva de incentivo a outras publicações de forma participativa.

Daniel Vidal Pérez
Chefe-Geral da Embrapa Solos

Sumário

Comunidade de Faraó	13
Situação da bananicultura na comunidade de Faraó	15
Manejo da cultura da banana.....	18
Variedades de bananeira.....	23
Variedades cultivadas	25
Opções de variedades.....	31
Considerações finais	36
Referências.....	36

Comunidade de Faraó

A comunidade de Faraó, no município de Cachoeiras de Macacu, RJ, encontra-se inserida na Unidade de Conservação da Bacia Hidrográfica do Rio Guapi-Macacu, mais especificamente na Sub-bacia Hidrográfica do Batatal. Nessa comunidade, predominam produtores de base familiar, em áreas agrícolas influenciadas pelo ambiente de preservação. A comunidade ocupa uma área de 3.150 ha, com aproximadamente 136 famílias, cujas propriedades têm área inferior a 20 ha e apenas duas têm mais que 50 ha.

Os sistemas de produção distribuem-se na paisagem rural de Faraó, em cotas que variam, aproximadamente, desde 48 m (baixada) até 484 m (encostas), inseridos nessa sub-bacia. As áreas de baixada denominadas Bom Jardim do Faraó e Faraó de Baixo apresentam mais variação na produção com cultivos de banana, hortaliças, aipim, milho, pastagens e/ou combinações com criação de animais de pequeno porte, enquanto nas áreas de encostas e relevos acentuados, predomina a banana, principal sistema de cultivo na comunidade (MARTINS et al., 2014). Conforme Machado (2013), as áreas de mata representam 36% do total da cobertura vegetal nos estabelecimentos agrícolas.

Essa pesquisa foi resultante do Diagnóstico Participativo realizado na comunidade de Faraó, para caracterizar seus sistemas de produção (MARTINS et al., 2014). A referida

pesquisa surgiu por demanda dos produtores, para que tenham informações sobre as variedades de bananeira cultivadas, opções de variedades apropriadas ao seu local e aprimorem as práticas de manejo da cultura.

O método adotado foi o do enfoque sistêmico adaptado de Kummer (2007), no qual houve o envolvimento de produtores, lideranças comunitárias, técnicos de extensão e pesquisadores.

Foram feitas visitas técnicas às propriedades rurais, sendo que algumas delas foram orientadas por especialistas para discutir com os produtores, o manejo da cultura. Num grupo de 40 associados, foi selecionada uma amostra de nove produtores. Os critérios de seleção adotados foram:

- Disponibilidade do produtor.
- Representação.
- Posição da cultura na paisagem (baixada e áreas de relevo acentuado).

Em seguida, foi elaborado um questionário, para orientar as entrevistas. As campanhas ocorreram de fevereiro de 2013 a julho de 2014.

As instituições envolvidas foram:

- A Associação dos Produtores, Lavradores e Amigos de Faraó (Alaf).
- A Emater de Cachoeiras de Macacu, RJ.
- A Secretaria de Agricultura, Pesca, Abastecimento e Desenvolvimento Regional de Cachoeiras de Macacu, RJ.

- A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- A Embrapa Mandioca e Fruticultura, Cruz das Almas, BA.
- A Embrapa Agroindústria de Alimentos, Rio de Janeiro, RJ.
- A Embrapa Solos, Rio de Janeiro, RJ.

Situação da bananicultura na comunidade de Faraó

Provavelmente, a bananeira (*Musa* spp.), da família Musaceae, é originária da Ásia. Essa cultura tem grande importância econômica e social no Estado do Rio de Janeiro. Segundo dados do IBGE (2014), nesse estado, a quantidade de bananas (cacho) produzida é de 131.702 t, numa área colhida de 21.075 ha, gerando um valor de produção de R\$ 108,7 milhões de reais. É importante ressaltar que, em sua maioria esses produtores ocupam áreas entre 2 ha a 5 ha (WILKINSON et al., 2012).

O município de Cachoeiras de Macacu, RJ, produz 2.750 t de banana, numa área colhida de 270 ha, com produtividade média de 10,1 kg/ha, superior ao estado (6,2 kg/ha) e próximo à média nacional, que é de 14,5 kg/ha (IBGE, 2014).

Na comunidade de Faraó, foram identificados dois padrões característicos de sistemas de produção da banana. O primeiro, que constitui a maior parte das áreas produtivas (90%),

é herança de cultivos praticados há 50 anos ou mais.

Predominantemente, esse sistema é adotado por produtores com idade de 60 anos ou mais, os quais usam uma escassa mão de obra familiar, recursos restritos, práticas de manejo não especializadas, quase extrativista, sem adubos ou fertilizantes, com pouca ou quase nenhuma tecnologia. Esses produtores preservam o ambiente natural, principalmente nas áreas de encosta e de relevos acidentados. Em alguns casos, mantêm os bananais em sistemas de agrofloresta, muito mais pelas limitações impostas pela influência do Parque ou mesmo por pressão dos órgãos ambientais.

Foto: Azeneth Schuler



Bananal em sistema agroflorestal em área de relevo declivoso na comunidade Faraó.

Nesses casos, costumam deixar árvores nativas dentro do bananal ou frutíferas plantadas por eles mesmos e, vez por outra, intercalam

milho ou outras culturas de subsistência para diversificar a produção.

Sempre que necessário, ocorre a renovação dos bananais, e aos poucos introduzem novas variedades. Os bananais não têm padrão uniforme, havendo grande diversidade de variedades, de acordo com:

- A declividade do terreno.
- A etapa de cultivo.
- A época do ano.

O segundo sistema de produção da banana (10%) é adotado por um grupo de produtores localizado nas cotas mais baixas e intermediárias. Nessas áreas, os produtores selecionam as variedades, definem os espaçamentos e dividem os talhões considerando as diferenças de solo, por vezes consorciam a banana com espécies florestais ou outras frutíferas nativas da região.



Foto: Alba Leonor Martins

Bananal em área de baixada na comunidade Faraó.

Alguns elementos desse grupo preparam o solo para plantio com arados e grades e, sempre que possível, fertilizam com esterco de frango, calcário e/ou fertilizante químico, geralmente NPK, por vezes com base em análise química do solo.

Atualmente, nos bananais, a adubação orgânica tem sido incentivada pelo programa Rio Rural (programa estadual de incentivo ao pagamento por serviços ambientais), mesmo para aqueles produtores que nunca antes usaram adubo em seus sistemas de cultivo.

Manejo da cultura da banana

De acordo com Martins et al. (2014), as práticas e processos de manejo usadas na cultura de banana são as seguintes:

Preparo do solo – O preparo do solo para plantio não é feito pela maioria dos produtores. Aração e gradagem são feitas por aqueles que ocupam a parte mais baixa do terreno, uma vez que a parte mais elevada não permite esse preparo, em decorrência das questões ambientais.

Espaçamento – O plantio é feito em covas de 30 cm x 30 cm x 30 cm ou 40 cm x 40 cm x 40 cm. Quando o plantio é feito em sulcos, adotam a profundidade de 40 cm. Segundo Borges et al. (2015), esses valores estão de acordo com as recomendações técnicas para a cultura da banana.

Adubação – A maioria dos produtores não usa fertilizante e eventualmente providenciam amostra do solo para análise química. A fertilidade química do solo é avaliada pelo histórico e pela produtividade da cultura. Geralmente, usam 5 L de calcário na cova, acrescidos de 50 g de P_2O_5 , cuja fonte é a farinha de osso (aproximadamente 33% de P_2O_5) e, se houver disponibilidade de adubo orgânico, aplicam aproximadamente 15 L de esterco de frango.

Tratos culturais e fitossanitários – A capina com foice é feita a cada 6 meses, para controlar ervas invasoras. Em decorrência da escassez de mão de obra, alguns produtores também aplicam herbicidas. Não retiram o “coração” (ráquis masculina) das bananeiras, principalmente se as plantas forem altas, como as variedades Pacovan ou mesmo as de porte baixo a médio, como a Prata BRS Pioneira, pois para eles, essa forma de manejo facilita o transporte e a retirada do cacho.

De acordo com Borges et al. (2015), a retirada do “coração” da bananeira acelera o desenvolvimento dos frutos, aumenta o comprimento e o peso do cacho. Os produtores que retiram o “coração” da bananeira os fazem 2 semanas após a emissão do cacho, deixando 15 cm de engajo. Quando ocorrem doenças, não aplicam agroquímicos, mas eliminam a planta doente. Foram relatados poucos casos de pragas ou doenças, a exemplo do mal-do-panamá (fusariose) e sigatoka-amarela.

Desbaste – Normalmente, deixam de 5 a 6 plantas por touceira, por priorizarem o quantitativo da produção. O recomendado é deixar 3 plantas-mãe, filha e neta. A palhada do desbaste deve ser mantida no solo.

Foto: Azeneth Schuler



Bananeira com o “coração”.

Época de plantio – O plantio é feito nos meses de setembro a novembro, considerando-se o período das chuvas, na região.

Colheita – A colheita é feita a cada 15 dias, durante o ano todo, mas a produção decresce de maio a agosto (entressafra).

A possibilidade de colheita o ano todo se deve à diversidade de variedades mantida em suas áreas produtivas. Por exemplo, numa área de 4 ha colhem-se, em média, 100 caixas de 30 kg por mês (6,0 t/ha) nos períodos de safra, e 30 caixas nos períodos de entressafra (0,9 t/ha), correspondendo a 6,9 t/ha/ano. Os preços variam de acordo com as variedades.

Porte, espaçamentos e preços das principais variedades de banana cultivadas na comunidade de Faraó.

Porte	Variedade	Espaçamento (m)	Preços (julho/2014) na Alaf (R\$/caixa de 30 kg)
Baixo a médio	Nanica, BRS Pioneira	2,5 x 2,5	16,0
Médio a alto	FHIA 1, FHIA 18	3,0 x 2,5	22,0
Alto	Prata, Prata mel, Pacovan e BRS Pacovan Ken	3,0 x 3,0	20,0
Alto	Nanicão	4,0 x 4,0	13,0

Fonte: adaptado de Borges et al. (2015) e informações fornecidas pelos produtores locais.

De acordo com Borges et al. (2015), a colheita deve ser feita por mais de um operário. Assim, enquanto um corta, parcialmente, o pseudocaule à meia altura, entre o solo e o cacho, o outro evita que o cacho tenha contato com o solo, segurando-o pela ráquis (“coração”) ou aparando-o no ombro.

O primeiro operário corta então o engajo e o cacho pode ser transportado. Nas cultivares de porte baixo a médio, a colheita pode ser feita por apenas um operário.

Transporte dos cachos – No transporte usam-se mulas ou burros, para transportar os cachos até o galpão da associação ou outro tipo de infraestrutura própria. Poucos produtores, com mais recursos, têm usado uma carroceria acoplada a um quadriciclo.

Pós-colheita – As bananas são agrupadas por variedades e levadas ao galpão para armazenamento em caixas de madeira e posterior colocação nas câmaras de climatização. Nesse manejo pós-colheita, geralmente não se seguem todos os padrões estabelecidos conforme recomendações de Fonseca et al. (2015).

Foto: Alba Leonor Martins



Transporte de cachos de banana feito no lombo de animais.



Foto: Alba Leonor Martins

Caixas de banana pesando em média 30 kg.

Comercialização – As caixas de banana, em média de 30 kg, são colocadas num caminhão próprio, da Alaf, e levadas para serem comercializadas na Ceasa do Rio de Janeiro. Os produtores não associados adotam o mesmo procedimento de entrega na Ceasa ou destinam parte da sua produção para o programa da merenda escolar conforme o informativo de Fidalgo et al. (2015).

Variedades de bananeira

Na seleção das variedades, a maioria dos produtores da comunidade de Faraó usa mudas retiradas de bananeais existentes. Atualmente,

alguns têm adquirido mudas resistentes a pragas e doenças, seguindo recomendações da Embrapa Mandioca e Fruticultura.

No plantio dessas variedades, o espaçamento mais comum consiste em plantação em fileira ou aleatoriamente, dependendo da situação do bananal. Nos bananais mais antigos, não há como obedecer rigorosamente o espaçamento. Nos bananais mais novos, adotam-se espaçamento de 3 m x 3 m (recomendado) ou 4 m x 4 m, considerando a experiência do produtor.

Atualmente, as variedades mais difundidas são:

- 'FHIA 01' (Fhia-Maravilha).
- 'FHIA 18'.
- 'BRS Pacovan Ken'.

A 'FHIA 01' (Fhia-Maravilha) chega a atingir de 2,5 m a 3,5 m de altura. O tempo do plantio até a floração é entre 290 e 320 dias. O tempo da floração à colheita é de 90 a 100 dias. O peso total do cacho está entre 25 kg e 35 kg. Apresenta resistência à sigatoka-negra e ao mal-do-panamá. Em seguida, é cultivada a 'FHIA 18', cujo porte é de 3,0 m a 4,0 m de altura. O período do plantio até a floração é de 270 a 300 dias. O peso do cacho varia de 20 kg a 25 kg. A 'BRS Pacovan Ken' também é cultivada, cujo ciclo vegetativo é de 385 dias. Os cachos podem atingir até 30 kg no segundo ciclo com 7 a 8 pencas e produtividade de 22 t/ha/ano a 24 t/ha/ano. Essa variedade tem resistência à sigatoka-amarela

e à sigatoka-negra e ao mal-do-panamá (BORGES et al., 2014, 2015).

Variedades cultivadas

A seguir, uma breve descrição das principais variedades de bananeira cultivadas na comunidade de Faraó, e que têm sido comercializadas na Ceasa do Rio de Janeiro ou consumidas na merenda escolar local.

Banana 'Prata Comum' (AAB)

Porte: alto (4,5 m a 5,5 m).

Sigatoka-amarela: suscetível.

Cor do pseudocaule: verde-clara.

Sigatoka-negra: suscetível.

Arquitetura das folhas: ereta, vertical.

Mal-do-panamá: suscetível.

Brácteas da ráquis floral masculina: limpa.

Broca do rizoma: moderadamente resistente.

Cor do pecíolo e da nervura principal: verde-clara.

Nematoides: resistente.

Formato do fruto: retos, com cinco quinas, extremidade pontuda e sem restos florais.

Observação: baixa produtividade mesmo sob irrigação. Essa cultivar foi substituída pela 'Prata Anã'.



Frutos de 'Prata Comum'.

Banana 'Prata Anã' (AAB)

Porte: médio (2,5 m a 3,5 m).

Sigatoka-amarela: suscetível.

Cor do pseudocaule: verde-clara brilhante.

Sigatoka-negra: suscetível.

Arquitetura das folhas: ereta, vertical.

Mal-do-panamá: suscetível.

Brácteas da ráquis floral masculina: persistentes.

Broca do rizoma: moderadamente resistente.

Cor do pecíolo e da nervura principal: verde-clara brilhante.

Nematoides: resistente.

Formato do fruto: quina, ponta de gargalo e restos florais.

Observação: tolerante ao frio; é a variedade mais plantada no Brasil.

Banana 'BRS Pioneira' **(híbrido AAAB)**

Porte: médio (2,0 m a 3,0 m).

Sigatoka-amarela: suscetível.

Cor do pseudocaule: verde-clara, com manchas marrom-escuras próximas à roseta.

Sigatoka-negra: suscetível.

Arquitetura das folhas: ereta, vertical.

Mal-do-panamá: moderadamente suscetível.

Brácteas da ráquis floral masculina: limpa.

Broca do rizoma: moderadamente resistente.

Cor do pecíolo e da nervura principal: verde-clara, com terminações arroxeadas.

Nematoides: moderadamente resistente.

Formato do fruto: quase ereta (com quinas), sem terminar na forma de gargalo de garrafa.

Observação: precoce (três ciclos em 2 anos), frutos doces, ótimo perfilhamento. Recomendada pela Embrapa, em 1992.

Foto: Elaine C. Cardoso Fidalgo



Planta e cacho de bananeira 'BRS Pioneira'.

Foto: Elaine C. Cardoso Fidalgo



Cacho de bananeira 'BRS Pioneira'.

Bananas 'Nanicão' e 'Grande Naine' (AAA)

Porte: médio a baixo 3,0 m-3,5 m ('Nanicão') e 2,0 m-3,0 m ('Grande Naine').

Sigatoka-amarela: suscetível.

Cor do pseudocaule: manchas de cor castanha a pretas, e ao fundo verde-oliva. Parte superior (bainha e pecíolo) cerosa.

Sigatoka-negra: suscetível.

Arquitetura das folhas: vertical, ereta.

Mal-do-panamá: resistente.

Brácteas da ráquis floral masculina: pequena persistência.

Broca do rizoma: suscetível.

Cor do pecíolo e da nervura principal: verde-clara a amarelo-esverdeado-pálida, coberto por cerosidade.

Nematoides: suscetível.

Formato do fruto: curvos, com ápices arredondados e pedicelos curtos.

Observação: usadas no processamento industrial.

Bananas 'FHIA 18' e 'FHIA 1' (FHIA Maravilha)

As variedades FHIA-18 e a FHIA-1 (Fhia Maravilha) são resistentes à sigatoka-negra e moderadamente suscetíveis à sigatoka-amarela; portanto, podem ser cultivadas nas

diversas regiões produtoras de banana do Brasil e, na comunidade de Faraó, têm sido as mais recomendadas e difundidas.

Foto: Elaine C. Cardoso Fidalgo



Planta e cacho de bananeira 'FHIA- 18'.

Foto: Elaine C. Cardoso Fidalgo



Planta e cacho de bananeira 'FHIA-1'.

Opções de variedades

A seguir, uma breve descrição sobre as principais opções de variedades de bananeira que podem ser adquiridas pelos produtores. Essas variedades são resultantes de pesquisas e apresentam características de resistência às principais pragas e doenças da cultura.

Banana 'BRS Platina' (AAAB) – Tipo Prata

Porte: médio a alto (2,1 m a 4,0 m).

Sigatoka-amarela: resistente.

Cor do pseudocaule: muito vigoroso, verde e mais arroxeadado do que a 'Prata Anã'.

Sigatoka-negra: moderadamente suscetível.

Arquitetura das folhas: ereta, vertical.

Mal-do-panamá: resistente.

Brácteas da ráquis floral masculina: persistente e "coração" grande.

Broca do rizoma: resistente

Cor do pecíolo e da nervura principal: verde e arroxeadado na extremidade.

Nematoides: suscetível.

Formato do fruto: médio a grande (127 g a 342 g), cor verde mais clara, com quinas, formato próximos aos da 'Prata-Anã' e pencas mais planas.

Observação: mais precoce do que a 'Prata Anã'. Os frutos devem ser consumidos com casca esverdeada.

Foto: Maria Geralda V. Rodrigues



Comparação entre 'Prata-Anã' (lado esquerdo) e 'BRS Platina' (lado direito).

Foto: Zilton José Maciel Cordeiro



Planta da 'BRS Platina' com cacho e brácteas persistentes.



Cacho de 'BRS Platina'.

Banana 'BRS Princesa' **(AAAB) – Tipo maçã**

Porte: médio a alto (3,0 m a 3,9 m).

Sigatoka-amarela: resistente.

Cor do pseudocaule: verde com algumas manchas escuras.

Sigatoka-negra: resistente.

Arquitetura das folhas: mais horizontal.

Mal-do-panamá: tolerante.

Brácteas da ráquis floral masculina: limpa.

Broca do rizoma: resistente.

Cor do pecíolo e da nervura principal: verde.

Nematoides: suscetível.

Formato do fruto: externamente parecidos e com sabor semelhante ao da cultivar Maçã.

Observação: porte menor do que a 'Maçã'. Mais suscetível ao despencamento do que a 'Maçã'.

Foto: Sebastião de Oliveira e Silva



Cacho da bananeira 'BRS Princesa'.

Banana 'BRS Tropical' (AAAB) – Tipo Maçã

Porte: médio a alto (2,9 m a 3,5 m).

Sigatoka-amarela: resistente.

Cor do pseudocaule: verde com manchas escuras mais intensas do que a 'BRS Princesa'.

Sigatoka-negra: suscetível.

Arquitetura das folhas: mais horizontal (caída) do que a 'BRS Princesa'.

Mal-do-panamá: tolerante.

Brácteas da ráquis floral masculina: limpa.

Broca do rizoma: moderadamente suscetível.

Cor do pecíolo e da nervura principal: verde.

Nematoides: moderadamente suscetível.

Formato do fruto: parecidos externamente e sabor semelhante aos da cultivar Maçã.

Observação: porte semelhante à 'Maçã'. Polpa esbranquiçada e sabor doce. Bom perfilamento.



Fotos: Sebastião de Oliveira Silva

Cacho e planta da 'BRS Tropical'.

Considerações finais

Na comunidade de Faraó, em Cachoeiras do Macacu, RJ, apesar das dificuldades de produção, colheita, transporte e pós-colheita, a bananicultura tem atendido a um mercado consumidor com perspectivas de ampliar suas exigências por produtos de melhor qualidade. O reconhecimento das características das variedades e de opções de bananeiras mais resistentes a pragas e doenças possibilita o atendimento a essas oportunidades que variam da agregação de valor pelo aproveitamento da banana nas agroindústrias até a inserção em outros mercados.

O fortalecimento da organização dos produtores por um processo contínuo de capacitação e o planejamento integrado do uso da terra no sistema de produção de banana consiste em alternativas para o desenvolvimento econômico e social nessa comunidade.

Referências

BORGES, A. L.; BRASIL, E. C. (Ed.). **Sistema de produção de banana para o estado do Pará**. 2. ed. Brasília, DF: Embrapa, 2014. (Embrapa Mandioca e Fruticultura. Sistema de produção, 9; Embrapa Amazônia Oriental. Sistema de produção, 8).

BORGES, A. L.; MATOS, A. P. de; RITZINGER, C. H. S. P.; SOUZA, L. da S.; LIMA, M. B.; FANCELLI, M. (Ed.). **Boas práticas agrícolas de campo no cultivo da bananeira**. Cruz

das Almas: Embrapa Mandioca e Fruticultura, 2015. 52 p. (Embrapa Mandioca e Fruticultura. Documentos, 214).

FIDALGO, E. C. C.; DIAS, C.; MARTINS, A. L. da S. **De onde vem a banana que comemos**. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2015. 2 p. il. color. Folheto.

FONSECA, M. J. de O.; MARTINS, A. L. da S.; FREITAS, P. L.de. **Sugestões para melhoria dos processos de colheita e pós-colheita da banana na comunidade do Faraó, Município de Cachoeiras de Macacu-RJ**. Rio de Janeiro: Embrapa Agroindústria de Alimentos, 2015. 4 p. (Embrapa Agroindústria de Alimentos. Comunicado técnico, 211).

IBGE. **Rio de Janeiro**: produção agrícola municipal – lavoura permanente – 2014. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=330455&idtema=148&search=rio-de-janeiro|rio-de-janeiro|producao-agricola-municipal-lavoura-permanente-2014>>. Acesso em: 27 nov. 2015.

KUMMER, L. **Metodologia participativa no meio rural**: uma visão interdisciplinar: conceitos, ferramentas e vivências. Salvador: GTZ, 2007. 155 p. Disponível em: <http://portal.mda.gov.br/dotlrn/clubs/redestematicasdeater/metodologiasparticipativas/contents/file-storage/download/index?version_id=3129657>. Acesso em: 10 dez. 2014.

MACHADO, F. da S. **Agricultura e reestruturação espacial na interface rural-urbana**: o exemplo do Município de Cachoeiras de Macacu (RJ). 2013.

114 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MARTINS, A. L. da S.; SCHULER, A. E.; FIDALGO, E. C. C.; CLEMENTE, E. de P.; MONTEIRO, J. M. G.; OLIVEIRA, A. P. de; FONTANA, A. **O enfoque sistêmico no diagnóstico participativo dos sistemas de produção da comunidade Faraó.** Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2014. 42 p. (Embrapa Solos. Documentos, 178).

WILKINSON, J.; PEREIRA, P. R. F.; FUNCKE, A. L.; CAMPHORA, A. L.; LATINI, J. L.; LOPANE, A. R. M.; PEDREIRA, B. da C. C. G.; FIDALGO, E. C. C.; PRADO, R. **B. Caracterização socioeconômica das bacias hidrográficas dos rios Guapi-Macacu e Caceribu.** Embrapa Solos: Rio de Janeiro, 2012. 160 p. (Embrapa Solos. Documentos, 149).

Impressão e acabamento
Embrapa Informação Tecnológica

O papel utilizado nesta publicação foi produzido conforme a certificação do Bureau Veritas Quality International (BVQI) de Manejo Florestal

Embrapa

Solos

Em Cachoeiras de Macacu, RJ, encontra-se inserida na Unidade de Conservação da Bacia Hidrográfica do Rio Guapi-Macacu – mas especificamente na Sub-bacia Hidrográfica do Batatal, a Comunidade de Faraó, que ocupa uma área de 3.150 ha, onde predominam produtores de base familiar, em áreas agrícolas influenciadas pelo ambiente de preservação. É lá, onde cerca de 136 famílias compartilham saberes e afazeres, praticando a bananicultura.

Sendo a banana um alimento requisitado e consumido no mundo inteiro, com apoio das tecnologias da Embrapa, esta publicação pretende auxiliar esses produtores de base familiar, a aprimorar suas práticas de manejo, orientando sobre as principais variedades de bananeiras cultivadas, opções de variedades apropriadas ao local e mais resistentes a pragas e doenças, possibilitando, assim, oportunidades que vão desde a agregação de valor até o aproveitamento do fruto nas agroindústrias e sua inserção nos mercados consumidores.

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



CGPE 12976